

A DOR, O SOFRIMENTO E A MORTE NA AUSCULTAÇÃO MEMORIAL CRISTÃ

Assistimos hoje a uma certa tendência para secularizar estes temas e até esquecê-los, pois os que sofrem, os que padecem sobretudo determinadas doenças, tal como a sida ou a tóxico-dependência ou outro tipo de drogas, e o sexo pode ser uma delas, são envolvidos numa atmosfera de desespero, que caracteriza a diabolização da existência na cultura contemporânea pós moderna, nomeadamente nas suas figurações mais duras do sofrimento, da dor e da morte. Por vezes, o seu sofrimento pode ser facilmente esquecido ou afastado, como se tratasse de algo repelente ou execrável, detestável mesmo, com o que não queremos ter nada a ver não nos intrometendo. Nesse sentido, diabolizamos ainda mais essas vidas.

Em primeiro lugar, há que colocar a questão da linguagem. Para Sto. Agostinho, já no Livro VII das *Confissões*, o importante não é sofrer, mas *como* se sofre. Na sua fase maniqueia, de que padecem muitos dos nossos contemporâneos ainda, o mal é um *malum metaphysicum*, uma dissolução ontológica (*si Deus, unde malum ?*). Inclusivé, será o sofrimento parte do plano de Deus ? Será o sofrimento passageiro e depois ficará tudo bem ? Mas se assim for, como é apanágio de algumas mentes gnosticizadas e facilmente desmontadoras de qualquer aporia do real, então corre-se o risco de que o sofrimento e a dor sejam enquadrados numa visão estética do mesmo real, numa interpretação harmónica da realidade onde parece que tudo é explicável¹. Nesse sentido, dentro desta estetização do real, o sofrimento e a dor que ele provoca podem ser vistos como uma pedagogia divina ou como meio do próprio sofrimento. Subsequente a estas questões coloca-se uma outra, a de saber qual a relação sacrifício-culpa : sofreremos pela culpa nossa ? ou dos outros ? É o sofrimento ou a dor uma expiação, um pagamento, uma retribuição ? Mas então surge a terrível questão de Dostoiewski : como integrar ou aceitar o sofrimento dos inocentes ? Como integrar o luto na razão ? Será Deus um monstro que quer ver pago o que deu gratuitamente (a vida) ? Mas assim, como integrar o perdão divino neste esquema mental ? Ora, existem

¹ Cf. G. ANGELINI – “La figura del soffrire nell’esperienza dell’uomo contemporaneo”, *Teologia* 6 (1981) 47-66; Anselmo MATTIOLI – *L’inquietante mistero del male*, Roma : Città Nuova 1994, 15.

formas de sofrimento que não podem ser reduzidas a nenhuma destas formas de sofrimento. E o sofrimento inútil (E. Lévinas) dos inocentes ? Na verdade, o sofrimento *aparentemente* inútil dos inocentes não pode nem deve ser justificado. Há que respeitar que isto é a absurdidade de raiz do sofrimento enquanto tal (Camus). Por isso, o sofrimento, a morte sem sentido têm de ser enfrentados e não iludidos. O sofrimento também é causado pela ausência de sentido. Não se trata de compreender a dor e o mal enquanto tal, mas de compreender que sentido tem a existência humana atravessada pela dor². O não encontrar sentido *no* sofrimento (não *para* o sofrimento) causa sofrimento, e então surge inevitavelmente a pergunta: será que Deus me abandonou? Tem a vida humana sentido e razão de ser diante da dor, diante de tanta dor e com tanta dor ? O que fazer com ela ? E para o crente, então como é isto possível se a revelação bíblica apresenta Deus como amor ?

A gnose contemporânea que nos é dado viver, muito semelhante ao mundo greco-romano helenizado em que são escritos os evangelhos, apresenta, influenciada pelo estoicismo, como objectivo a *a-patia* ! A finalidade epicurista daquela altura é a mesma de hoje : viver bem e despreocupadamente, curtir, anestesiar, fugir o mais que se possa ao sofrimento e à dor, iludi-los. A ataraxia epicurista ajuda hoje a erotizar a cultura propondo uma orientação de vida hedonista segundo a sua máxima de que o prazer é o princípio e o fim da vida feliz³. É-se feliz sem *patia*, sem paixão, permanecendo *a-pático* ao sofrimento dos outros e mesmo ao nosso, nirvanizando ou cerebralizando maximamente esse momento único e liminarmente pessoal que é o sofrimento, porque nós já o diabolizamos ou os outros já no-lo diabolizaram, ou seja, já o absurdizaram completamente.

Neste contexto, porque é que os cristãos se sacrificam pelos que sofrem ou são sacrificados e morrem esquecidos ? Na verdade, não se trata aqui de uma qualquer expiação violenta, mas de auto-doação livre, gratuita, amorosa. Na realidade, a economia do dom gratuito é maior do que a simples economia da troca, pelo que o modelo girardiano do bode expiatório não basta por si só⁴. Esta abordagem comporta uma pertinência socio-política enquanto constitui

² Cf. A. BONORA – *Mal/Dolor*. In P.ROSSANO ; G. RAVASI ; A. GIRLANDA (dir) – *Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica*, Madrid : Paulinas 1990, 1091.

³ Cf. EPICURO – *Carta a Meneceu* 128.

⁴ Cf. GIRARD, René – “Violence et Religion”. *Rev.Port.Fil.* 56 (2000) 11-23.12.13.17.

uma crítica à fuga ao sofrimento no mundo actual e ao esquecimento das vítimas inocentes. Vivemos hoje na sociedade dos analgésicos, onde o sofrimento é algo estranho à máquina consumista, e por isso demonizável. Este é o mundo a-*pático* em que nos é dado viver, muito distraído, indiferente à consciência do que sofre, iconoclasta da realidade da morte⁵, de muita ausência de compaixão, logo desmemorizado, de muito desrespeito pela história, sobretudo pela história das vítimas inocentes, que continua a imolar nos altares do tele-lixo a intimidade mais recôndita e sagrada de quem sofre mesmo que justamente. Neste sentido, o nosso mundo apresenta hoje alguns sinais de in(un)anidade, padece de uma visão anti-humana da pessoa e da dor, explorando mediaticamente o que sofre, não o respeitando, em que a morte como sofrimento ou dor incurável é tida por tabu, é desviada do horizonte, em que o olhar é deslocado permanentemente de forma patológica do que sofre para o sofrimento abstracto e despersonalizado.

Qual é então a hipótese cristã *humana* da luta contra o sofrimento e a dor ? Em primeiro lugar, é forçoso ter presente que o humanismo cristão não explica o sofrimento, ao contrário de muitas tentativas ao longo da história, e de algumas leituras neo-gnósticas mais ou menos simplistas, ilusórias, e facilitistas dos dias de hoje. A fé apenas aceita e luta contra ele. Mas não decorrerá daqui uma imagem sadista (sádica) de Deus ? O homem de fé cristã olha para a morte, para o sofrimento e para a dor em primeiro lugar com esperança. Ora, a esperança cristã é sempre mediada por figurações. Por isso, ainda persistem voluntários, crentes ou não, que continuam a lutar com Deus contra o sofrimento, pelo sofrimento, tentando dar figura a essa esperança de sentido, sabendo que não há uma forma única de viver a morte, nem a dor nem o sofrimento. A morte para o crente não é apenas o fim desse sofrimento, mais ou menos extenuante.

A nossa Faculdade pergunta, medita, ouve estas questões também nos seus *curricula*. A Sagrada Escritura, que este Centro Regional permitiu que estudasse de forma mais aprofundada ao longo de três anos no estrangeiro (o que aproveito publicamente para agradecer), continua a ser esse texto fundador (Michel Henry) dado em auscultação à humanidade, onde a dicção da

⁵ Cf. Hans-Georg GADAMER – *O Mistério da Saúde*, Lisboa : Edições 70, 1997 (original alemão de 1993), 16.65.

fé, sobretudo nos livros sapienciais, encontrou das mais altas formulações literárias para indagar deste humano sentir e devir face ao drama absolutamente humano do sofrimento e da morte do justo injustiçado, pois aí aparece também a *Wort* de Deus (Ebeling).

Foi-me dado o privilégio e a alegria de pertencer a uma comunidade académica que partilha da vontade e da esperança da vida, que encontra sentido e razões mesmo nos seus momentos mais dramáticos. Por isso, alguns docentes da nossa Faculdade participaram em Setembro no Congresso Internacional de Pensadores Portuenses, pois muitos dos nossos conterrâneos tiveram de pensar e de fazer memória como Job.

José Carlos Carvalho

In *Porto.ucp.pt. Boletim Informativo do Centro Regional*, 2 (2001) 5-6.